Dia 26 — Os Desposórios de Nossa Senhora

Martirológio Romano

O martírio de São Pedro, bispo de Alexandria, na mesma cidade; o qual, adornado de todas as virtudes, por decreto de Galério Maximiano foi degolado. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

Os santos mártires Fausto, presbítero, Dídio e Amônio, os quais foram também martirizados na mesma perseguição e cidade de Alexandria (juntamente com seu venerável pastor São Pedro de Alexandria).

Os santos Fileas, Hesíquio, Pacômio e Teodoro, bispos do Egito, com outros seiscentos e sessenta, igualmente na mesma cidade de Alexandria; que pelo cutelo da perseguição passaram ao céu. (Segundo Barônio, aconteceu sua morte no ano de 310.)

São Marcelo, presbítero, em Nicomédia; o qual, no tempo de Constâncio, sendo despenhado pelos Arianos de um elevado rochedo, morreu mártir.

São Belino, bispo e mártir, em Pádua. (Morreu às mãos dos hereges pelos anos de 1149. E por seus muitos milagres, competentemente justificados, o papa Eugênio IV o colocou no catálogo dos Santos.)

São Sirício, papa e confessor, em Roma, esclarecido em doutrina, piedade e zelo pela religião; o qual condenou vários hereges e com muito saudáveis constituições restabeleceu a disciplina eclesiástica. (Sucedeu ao papa São Dâmaso a 1.º de dezembro do ano 385. Governou a Igreja com suma prudência depois do cisma terceiro e brilhou com todas as virtudes apostólicas. Escreveu cartas instrutivas a vários bispos sobre pontos de disciplina e é célebre sobre todas a que dirigiu ao metropolitano de Tarragona, chamado Himério, carta considerada pelos críticos como a primeira epístola decretal que deve reconhecer-se por verdadeira. Ordenou os interstícios do tempo para as ordens e perseguiu os Maniqueus.)

Santo Amador, bispo, em Autun. (Governou esta igreja no século VI, de cujo território acabou de desterrar os restos da idolatria. Esteve unido com os vínculos da amizade com o papa São Silvério, ao qual consolou no desterro com cartas e auxílios de todas as classes. Foi favorecido com o dom de milagres.)

São Conrado, bispo, em Constança. (Nasceu da ilustríssima casa dos Guelfos, na Alemanha, que tantos príncipes honraram com expedições e façanhas militares e dignidades soberanas. Conrado foi santo desde o berço. Quando recebeu as sagradas ordens, conferiram-lhe a dignidade de preboste da catedral de Constança, que era a primeira cadeira depois da episcopal; e, morto em 934 o bispo, foi unanimemente eleito para sucessor seu, não obstante sua resistência. Sendo já então muito frequentes as peregrinações a Jerusalém, São Conrado visitou três vezes os Lugares Santos, sendo suas viagens verdadeiras peregrinações de penitência e devoção. Infatigável foi em consolar e socorrer o pobre, em instruir e exortar seu rebanho. Recebeu o galardão de suas virtudes no ano de 976, tendo sido bispo quarenta e dois anos, e o Senhor tem feito glorioso seu sepulcro com muitos milagres. Foi canonizado por Calisto II.)

São Silvestre, abade, fundador da congregação dos monges Silvestrinos, em Fabriano, na Marca de Ancona. (São Silvestre Gozzolini nasceu de nobre família em Osimo na Itália no ano de 1177. Estudou leis e teologia em Bolonha e Pádua e foi apresentado cônego em sua pátria. Seu zelo em repreender os vícios lhe adquiriu inimigos, e até seu bispo, a quem julgou dever advertir algumas negligências, declarou-se perseguidor seu. A vista do cadáver de um homem que havia sido admirado em vida por sua beleza acabou de separá-lo inteiramente do mundo. Partiu, pois, secretamente de Osimo e retirou-se a um deserto situado trinta milhas distante da cidade, aos quarenta anos de sua idade. Por satisfazer as importunações de outros, ergueu um mosteiro em 1231 no monte Fano, a duas milhas de Fabriano, na marca ou marquesado de Ancona. Nesta casa estabeleceu a regra de São Bento sem mitigação alguma; e em 1248 obteve de Inocêncio IV a confirmação de seu Instituto. Viveu até ver na Itália vinte e cinco mosteiros de sua Ordem, deixando a seus discípulos herdeiros de seu espírito de penitência e oração. Morreu tal dia como hoje do ano 1267. Dignou-se o Senhor honrar seu túmulo com vários milagres.)

A ditosa morte de São Basolo, confessor, na diocese de Reims. (Morreu no deserto, depois de haver passado quarenta anos numa capela que edificou nele, pelos anos de 620. Seu nome chegou a ser célebre pelos muitos milagres operados por sua intercessão.)

São Estilíano (ou Estilão), anacoreta e esclarecido em milagres, em Adrianópolis, na Paflagônia.

São Nícon, monge, na Armênia. (São Nícon, por sobrenome Metanoíte, foi natural do Ponto e, sendo ainda jovem, retirou-se a um mosteiro chamado Pedra de Deus. Depois de doze anos de estudo e penitência foi destinado por seus superiores ao ministério da pregação; e falava da virtude com uma unção tal que ninguém podia resistir ao efeito de suas conferências. Passou a Creta a pregar a palavra de Deus, ilha dominada então pelos sarracenos, e todos os seus sermões os principiava com as palavras *Metanoeite*, ou «Fazei penitência», por cuja causa se lhe deu este sobrenome. Fez admiráveis conversões; e, tendo pregado em Creta perto de vinte anos, anunciou depois a divina palavra no Peloponeso, Acaia, Epiro e outras partes da Grécia, confirmando sua doutrina com milagres. Morreu no ano de 998.)

Os Desposórios de Nossa Senhora

Toda a vida de nossa dulcíssima Mãe e Rainha Maria santíssima está cheia de preciosos exemplos de virtude em que têm os Cristãos uma escola completa para ordenar sua vida segundo as regras do Evangelho. Mas nossa mãe a Igreja elegeu dentre todas elas as mais excelentes e em que se manifesta com mais esplendor aquela admirável plenitude de graças de que o Espírito Santo adornou esta ditosa criatura, para propô-las a seus filhos como objetos de instrução, de devoção e de ternura. Por esta causa destinou dias assinalados a celebrar sua conceição puríssima, sua natividade, sua apresentação no templo, suas dores, sua assunção gloriosa, e com as mesmas miras celebra neste dia seus sagrados desposórios. Neles há uma parte que pertence ao histórico e outra que toca ao misterioso: portanto, referiremos o primeiro e depois refletiremos sobre as altas disposições da divina Sabedoria, deduzindo a instrução correspondente para arrumar nossos costumes. Em um e outro teremos por norte a história evangélica no pouquíssimo que fala da santíssima Mãe de Deus e os ditos e sentenças dos Padres da Igreja.

Todos sabemos que, tendo chegado aquele tempo ditoso, prometido por Deus, anunciado pelos Profetas e desejado dos Patriarcas, em que uma mulher forte havia de quebrantar a cabeça ao dragão infernal e em que, concebendo uma Virgem, havia de parir um filho chamado Emanuel, Deus forte e Príncipe da paz, que destruísse o império que pelo primeiro pecado havia adquirido o demônio sobre a linhagem dos homens; foi concebida Maria santíssima no ventre estéril de Santa Ana e prevenida, segundo se crê piedosamente, com as bênçãos de Deus; de maneira que não teve em sua alma o mais ligeiro domínio a infecção do primeiro pecado. Sua natividade encheu de alegria os céus e a terra: aqueles porque já se lhes dispunha a reparação dos concidadãos que haviam perdido nos anjos rebeldes e esta porque já se lhe aproximava o tempo de bênção em que se lhe havia de abrir comércio com o céu. Alimentou-se a santíssima Virgem em seus primeiros anos segundo o método usado da natureza, até que, tendo a idade competente, foi levada ao templo e consagrada a Deus, segundo o costume dos hebreus. São Gregório de Nissa, sobre a fé de um incerto autor a quem cita na oração da natividade de Jesus Cristo, afirma que, logo que Maria santíssima deixou o peito de sua mãe, foi levada ao templo, consagrada a Deus e educada pelos sacerdotes naquelas santas mansões à semelhança de Samuel. Semelhante a isto é o que se lê na tragédia intitulada *Cristo paciente*, que se atribui erradamente a São Gregório Nazianzeno. O mesmo dá a entender Nicéforo, dizendo que, sendo de três anos, foi apresentada ao templo e passou onze no Santo dos santos. Esta espécie nada tem de estranha; pois no cap. 38 do Êxodo achamos que algumas mulheres dormiam à entrada do tabernáculo. No livro IV dos Reis, cap. 11, e no livro II do Paralipômenos, cap. 22, lê-se que Josabet, filha do rei Jorão, mulher do pontífice Joiada, habitou seis anos na casa do Senhor, juntamente com Joás e com a ama que o havia criado. De Ana profetisa insinua o mesmo o Evangelho de São Lucas, cap. 2; e Santo Ambrósio, liv. 1 *De Virgin.*, cap. 3, parágrafo 12, afirma que no templo de Jerusalém havia virgens destinadas ao serviço das coisas santas. Como quer que seja, a tradição da Igreja nos ensina que Maria foi apresentada ao templo e que, vivendo ali, fez voto de perpétua virgindade. Em ordem a isto último são muitos e muito brilhantes os testemunhos dos santos Padres e entre eles o de Santo Agostinho no livro da *Santa Virgindade*, cap. 4.

Neste estado permaneceu Maria santíssima exercitando-se em todas as virtudes com tanta graça que tinha edificados e admirados os sacerdotes. Como o Pai eterno a tinha eleito por filha amada, o Verbo divino a tinha destinado por sua Mãe e o Espírito Santo por sua Esposa, toda a santíssima Trindade, de comum acordo, havia enchido de dons sobrenaturais esta santa menina. Via-se em

sua modéstia virginal, em sua formosura sobre-humana, em sua castidade angélica, na inocência de seus costumes e na consumada perfeição de todas as suas obras que aquela menina distava tanto das demais como dista do sobrenatural o terreno, baixo e desprezível. Amavam-na e veneravam-na todos; e os sacerdotes, que com mais atentos olhos viam sua virtude e estudavam as profecias, encontravam naquela santa menina um sujeito muito a propósito para que por ela tivessem fim as prolongadas esperanças de todo o povo de Deus. Era nele uma espécie de religião haverem de casar-se os jovens e as donzelas em chegando a determinado tempo; porque, como esperavam receber o Messias prometido por meio da seminal propagação, o culto de sua religião interessava nisso. Portanto, quando as donzelas que estavam no templo chegavam a ser casadouras e careciam de pais que dispusessem suas bodas, os mesmos sacerdotes lhes buscavam maridos, segundo as circunstâncias da lei, com quem pudessem contrair matrimônio. Maria santíssima havia ficado sem pais, segundo afirma Cedreno, tendo somente três anos de idade: havia crescido no templo até a idade de treze anos, ou de catorze, como querem outros, e era já tempo de que os sacerdotes determinassem sua colocação, desposando-a com um varão justo de sua mesma estirpe que merecesse ter em sua companhia uma donzela de tão rara formosura e de tão extraordinárias virtudes. Os sagrados Evangelhos somente nos dizem que Maria se desposou com José; mas calam inteiramente as particularidades e circunstâncias que ocorreram em seus desposórios. Nicéforo, no livro 1, cap. 7, refere algumas coisas: São Gregório de Nissa adota também alguma outra notícia na oração da Natividade: o mesmo fazem São João Damasceno e São Germano, arcebispo de Constantinopla; mas onde se acha uma relação individual e maravilhosa destes desposórios é no livro *De Ortu Virginis*, que tem sido costume atribuir a São Jerônimo. Nesta obra se diz:

Que, tendo chegado as virgens que estavam no templo desde sua apresentação a idade proporcionada para casar-se, mandou o sumo sacerdote que fossem à casa de seus pais para que as destinassem ao matrimônio. Estavam então todas as donzelas casadouras numa peça do santuário e, ouvida a voz do sacerdote, obedeceram com a maior submissão, saindo dali todas, menos Maria santíssima, que ficou no templo. Como sabiam muito de antemão sua humildade, sua obediência e todo o prodigioso conjunto de virtudes que Deus havia depositado em sua alma e que não era capaz de opor a suas ordens a mais mínima resistência, os sacerdotes ficaram confusos. Chegaram-se a Maria para saber de sua boca mesma que causa havia tido para obrar da maneira que obrava; mas quanta foi sua surpresa quando ouviram daqueles sagrados lábios que havia feito voto de virgindade, consagrando esta preciosa joia de sua alma e de seu corpo ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, ao Deus de seus pais. Uma nova tão extraordinária como inesperada os deixou inteiramente confusos; porque, como em todos os fastos do templo não havia exemplar de semelhante ação, achavam-se embaraçados sem saber que fazer. Obrigá-la a casar-se, entregando um corpo consagrado a Deus à potestade e uso de um homem mortal, julgaram-no um horrível sacrilégio; e na verdade que não iam enganados em semelhante juízo. Deixar habitar no interior do templo e entre os sacerdotes uma donzela sumamente formosa e na flor de sua idade, nem havia exemplar nem parecia decente. O mesmo fato de haver consagrado a Deus sua virgindade uma donzela num povo em que se tinha por infâmia a esterilidade e em que as mulheres não se consideravam venturosas enquanto não se viam casadas, porque o espírito de sua lei e as promessas de Deus engendravam nelas semelhantes ideias, aumentava a dificuldade do caso; pois não parecia crível que houvesse obrado daquela sorte tão santa donzela se não estivesse inspirada de Deus. Para resolver sobre uma matéria tão nova e tão difícil juntaram-se todos os sacerdotes e

anciãos de Jerusalém e, persuadidos de que Deus não recusaria contestar a uma consulta que se lhe fizesse sobre matéria que havia ordenado sua vontade divina, resolveram-se a isto. Fez-se assim e saiu uma voz do tabernáculo que mandava: que se juntassem todos os descendentes de Davi no templo com varas nas mãos e aquele que, segundo as profecias de Isaías, se achasse haver florescido sua vara, e que sobre ele baixava o Espírito Santo, se julgasse que era o eleito do céu para esposo de Maria. Juntaram-se todos os descendentes de Davi; e entre eles se advertiu que floresceu a vara que São José tinha na mão e que o espírito divino baixava sobre sua cabeça. Regozijaram-se os sacerdotes vendo quão bem lhes havia saído seu conselho e, em sua consequência, foi São José o homem venturoso a quem se entregou por esposa aquela preciosíssima donzela.

Este modo maravilhoso de verificar-se os desposórios entre Maria santíssima e São José está deduzido de uns livros apócrifos; convém a saber, do *Evangelho da natividade de Maria*, no capítulo sétimo, e do *Proto-evangelho de Tiago*, no capítulo nono. Daqui beberam Eustáquio Antioqueno, Epifânio e São Gregório de Nissa quando adotam estas mesmas notícias em suas obras; mas de tudo isso não se pode ter outra coisa por certa e indubitável senão que desta relação nasceu o costume dos pintores que representam São José com uma vara na mão coberta de flores. É certo que a piedade não encontra repugnância em que Deus haja obrado estas e maiores maravilhas em obséquio de sua Mãe santíssima e de seu pai legal ou putativo; mas não é o mesmo não ser um fato repugnante que ser verdadeiro e autêntico. A sólida piedade nos ensina que todas as criaturas juntas do mundo não são capazes de amar tanto as grandezas de Maria como seu Esposo e seu Deus, o Espírito Santo. É de fé que os sagrados Evangelhos estão ditados por ele: em nenhum deles se faz menção destes prodígios para que Maria santíssima contraísse matrimônio; e não é crível que, se houvessem sido verdadeiros, os houvesse desprezado em sua história o mesmo Deus que a ordenava para sua Igreja. Temos, pois, que este fato não é autêntico e incontestável e que somente tem sua origem numa piedade pouco refletida que quis preferir uma maravilha à mesma verdade. Os santos Padres somente mencionam o que refere o Evangelho; convém a saber, que Maria santíssima se desposou com um varão justo, da família de Davi, chamado José. Sobre este fato certo formam suas sólidas considerações, e delas nasce nossa instrução e o maior respeito e veneração aos decretos da divina Providência. Nesta admiram os Santos como, tendo feito Maria santíssima voto de virgindade e tendo-a de conservar perpetuamente, dispôs que Maria se desposasse com José. Uns são de parecer que a santa Virgem comunicou antecipadamente ao santo esposo o voto de virgindade que havia feito e que à sua imitação fez o mesmo São José; outros, e entre eles Santo Agostinho, julgam que Maria santíssima se desposou do modo comum e ordinário entre os hebreus, pondo-se nas mãos da divina Providência, que não havia de permitir o relaxamento de um voto que o mesmo Deus lhe havia inspirado. Mas, como quer que fosse, todos os santos Padres produzem várias causas por onde se manifesta que foi convenientíssimo que estivesse casada a que havia de ser Mãe de Deus. O glorioso Santo Tomás de Aquino as recolheu e compreendeu todas na terceira parte, questão 29, art. 1, distribuindo-as por classes com o método e clareza que acostuma. No lugar citado diz assim:

«Foi conveniente que Cristo nascesse de uma virgem que estivesse desposada, já pelo que respeita ao mesmo Jesus Cristo, já pelo que olha a sua Mãe e já pelo que conduz a nós. Pelo que respeita a Jesus Cristo há quatro razões: a primeira, para que não fosse desprezado dos infiéis, como se não houvesse nascido de legítimo matrimônio; pelo que diz Santo Ambrósio sobre o

capítulo 1 de São Lucas: *Que razão haveria para culpar os judeus nem a Herodes se estes houvessem perseguido um homem procedido de um adultério?* A segunda, para que a genealogia de Jesus Cristo se tecesse por meio do varão, segundo a ordem acostumada; pelo que diz Santo Ambrósio sobre o capítulo 3 de São Lucas: *O que veio ao século devia apresentar-se e descobrir-se segundo o método e costume do mesmo século, o qual, já seja no senado, já seja nas cúrias e sessões das cidades, não reconhece dignidade de linhagem senão na pessoa do varão*: a isto se chega também o costume das sagradas Escrituras, que sempre procuram buscar a origem por meio do varão nas genealogias. A terceira razão da parte de Jesus Cristo para que nascesse de virgem desposada foi para que o mesmo Jesus Cristo, sendo menino, tivesse a tutela e proteção de um varão justo, de modo que o diabo achasse impedimentos para exercitar no menino Jesus toda a veemência de sua malignidade: e por isso diz Santo Inácio que foi desposada Maria a fim de que seu parto se ocultasse ao diabo. A quarta razão é para que Jesus fosse criado e alimentado por José, pelo que foi chamado pai seu, como se se dissesse: o que o cria. Foi também conveniente pelo que respeita à Virgem: primeiro, porque por esta providência se libertou da pena que os hebreus davam às mulheres adúlteras, que era apedrejá-las; e esta mesma razão assinala São Jerônimo: segundo, para que pelo fato de estar casada se libertasse da infâmia; pelo que diz Santo Ambrósio sobre São Lucas: *Que foi desposada Maria para que não a caluniassem com a infâmia de haver perdido a virgindade, como o puderam ter feito vendo-a solteira e ao mesmo tempo levar em seu ventre sinais de casada.* Terceiro, para que nos diversos trabalhos que havia de experimentar com seu Filho Jesus, segundo o estabelecido pela divina Providência, fosse servida, amparada e consolada pelo santo José. Pelo que faz a nossa parte, foi também conveniente que estivesse desposada Maria: primeiro, porque desta maneira se comprovou com o testemunho de José que Cristo havia nascido de uma virgem; pelo que diz Santo Ambrósio sobre São Lucas: *Alega-se e determina-se a testemunha mais abonada da virgindade de Maria que se podia apresentar, o qual era seu marido; porque este podia queixar-se da injúria que se lhe fazia e vingar sua honra ultrajada, no caso que não reconhecesse o mistério.* Segundo, porque assim se fazem mais críveis as palavras da Virgem mãe quando assegura sua virgindade; e assim diz Santo Ambrósio sobre São Lucas: *Que se dá crédito às palavras de Maria com maior razão e se tira toda causa de suspeitar mentira, porque uma mulher solteira que se encontra prenhe parece que tem causa de ocultar sua culpa com mentiras ou enganos; mas esta necessidade não a tem uma desposada, pois é sabido por todos que o prêmio do casamento e a graça das bodas é a fecundidade. Um e outro pertence à firmeza de nossa fé.* Terceiro, para que as virgens que por sua negligência não evitam a infâmia não pudessem alegar por escusa o exemplo de Maria; e assim diz Santo Ambrósio: *Não era razão deixar às virgens que vivem com alguma suspeita o pretexto ou escusa de que também a Mãe do Senhor viveu aparecendo aos olhos dos homens infamada.* Quarto, porque nisto se significa a Igreja universal, a qual, sendo virgem, foi desposada com um só varão, que foi Jesus Cristo, como diz Santo Agostinho no livro *De sancta virginitate*, capítulo 12, parágrafo 11. Pode-se acrescentar outra quinta razão, dizendo que a Mãe de Deus foi desposada e virgem; porque em sua pessoa foram honrados a virgindade e o matrimônio contra os hereges que haviam de pretender menoscabar o preço de uma ou de outro.»

Até aqui são palavras de Santo Tomás, onde se manifesta suficientemente quanta razão teve a divina Sabedoria para ordenar que a Mãe de Deus se desposasse com São José antes que baixasse a seu seio o Verbo divino a principiar a grande obra da redenção do mundo. Este desposório, esta

união de vontades entre José e entre Maria foi um verdadeiro matrimônio, não obstante que um e outro sabiam o voto de virgindade e que era impossível privar o céu de seus direitos. E assim diz o grande Padre Santo Agostinho no livro 1.º *De Nuptiis et concupiscentia*, cap. 11, § 13: «Nos pais de Cristo achou-se perfeitamente tudo quanto bem encerra em si o matrimônio; convém a saber, o fruto, a fidelidade e o Sacramento. O fruto o reconhecemos no mesmo Senhor Jesus Cristo; a fidelidade porque de nenhuma parte houve adultério e o Sacramento porque não houve divórcio.» Isto mesmo prova o santo Padre contra Juliano no liv. 5, cap. 12, § 46 e 47, e na verdade que este matrimônio foi por todas as suas circunstâncias o mais perfeito que houve jamais no mundo e por isso o celebra nossa mãe a Igreja, já para propô-lo aos casados por exemplo para que nele aprendam castidade, fidelidade, solicitude, paciência nos trabalhos e todas as grandes virtudes que se necessitam num estado cheio por todas as partes de perigos; e já também para que nesta festividade demos graças a Deus pela preparação imediata para nossa redenção e nos congratulemos com Maria e José, as duas felizes criaturas que entre todas as do mundo mereceram presenciar tantas maravilhas, receber o Filho de Deus e alimentá-lo e criá-lo como a próprio filho. A este fim se dirigem as intenções da Igreja da Espanha em propor aos fiéis a festividade dos desposórios de Maria, e este mesmo fim deve procurar-se lograr exercitando-se com reta intenção e coração puro nas reflexões e meditações próprias deste dia.

São Pedro, Patriarca de Alexandria, e Mártir

Por morte do patriarca São Teonas foi colocado no trono patriarcal de Alexandria São Pedro, varão recomendável pela santidade de sua vida, por sua profunda inteligência da sagrada Escritura e por seu fervoroso zelo da propagação da fé. Tendo sobrevindo a grande perseguição de Diocleciano e Maximiano, viu-se precisado a sair de Alexandria e a correr de província em província para consolar e fortalecer os fiéis. Exortava os santos Confessores que estavam nos cárceres a que não saíssem deles senão para receber a coroa do martírio: sustentava os que estavam para cair e levantava amorosamente os caídos. Entre estes o magoou dolorosamente Melécio, bispo de Licópolis no Egito. Convocou em Alexandria um sínodo para depô-lo e com efeito o depôs; porque, tendo oferecido incenso aos deuses falsos, era inevitável que experimentasse os raios da Igreja. Ditoso se se houvesse reconhecido! Mas, acrescentando culpas a culpas, formou um cisma de que se declarou cabeça. O santo Pastor chorou esta discórdia intestina: trabalhou quanto pôde para pacificar os ânimos, reduzindo-os à unidade da santa fé católica, em cuja defesa se manteve firme; e, ainda que sofreu com invicta paciência todas as injúrias com que o maltrataram os cismáticos, nada bastou para que cedesse um ponto de sua teima nem de seu vigor episcopal: em nada faltou ao que pedia sua obrigação nem recuou na mais mínima coisa que interessasse a dignidade de seu sagrado ministério. Dispôs umas regras em ordem aos apóstatas penitentes, tão discretas, tão sábias e tão santas, dirigidas por uma parte a reparar a honra de Jesus Cristo ultrajado e acomodadas por outra à fraqueza dos que haviam caído naquele tempo de prova, que a Igreja as recebeu depois e as praticou como canônicas. Mas o que soube fazer mártires com suas

exortações, ele mesmo foi preso para ser mártir também. Mandou prendê-lo Maximiano, que comandava no Oriente. Logo que viu preso seu pastor, concorreu a ele todo o rebanho: grandes e pequenos, sacerdotes, religiosos e virgens, todos baixaram ao escuro calabouço onde o haviam encerrado. Isto embaraçou tanto o tribuno, a quem se havia dado a comissão de fazê-lo morrer, que não sabia como pôr seu cargo em execução; pois, ainda que esperava que, chegando a noite, se retirariam os Cristãos, viu depois que faziam contínua sentinela a seu santo Patriarca e o número era tão crescido que temia um perigoso motim. Achavam-se as coisas neste estado quando o pérfido Ário, a quem tantas vezes havia admoestado e repreendido o santo Patriarca, excomungando-o como a cismático, acudiu à igreja; e, ocultando sua má-fé com o véu de uma profunda dissimulação, valeu-se de algumas pessoas de respeito para que o reconciliassem com o Patriarca que estava para morrer. Pretendia por este meio ser colocado na cadeira patriarcal, parecendo-lhe que, quando chegasse o caso de nomear sucessor a São Pedro, todos poriam os olhos nele para fazer-lhe uma honra a que aspirava com todo o esforço de seu ambicioso coração; mas aquele Senhor que penetra o mais profundo de todos os corações aniquilou estes altaneiros pensamentos. A mesma noite apareceu Cristo a São Pedro e, descobrindo-lhe as orgulhosas ideias de Ário, mandou-lhe que não o absolvesse. Os que se haviam encarregado de solicitar o perdão do Patriarca acudiram muito de manhã à prisão e lhe suplicaram tivesse misericórdia de um pobre pecador arrependido. Mas o Santo, que se achava com tão superiores luzes, retirando à parte Aquilas e Alexandre, dois sacerdotes veneráveis, disse-lhes: «Ainda que sou e me confesso um grande pecador, sei com tudo isso que a piedade de meu Deus me chama à coroa do martírio. Depois de minha morte vós dois sereis duas colunas na Igreja de Jesus Cristo; pelo que vos quero fazer confiança de um segredo que fala com ambos. Os dois me sucedereis, um depois de outro, na cadeira patriarcal de Alexandria: Aquilas será o primeiro e Alexandre o segundo. Assim me prometeu o Senhor; e, para que não creiais que é dureza minha o não reconciliar Ário com a Igreja, quero comunicar-vos uma visão com que me favoreceu Deus esta noite. Estando em minha costumada oração, apareceu-me Cristo em figura de um menino como de doze anos extremamente formoso: estava vestido de uma túnica longa, rasgada de alto abaixo, a qual procurava juntar com as duas mãos por diante do peito. Apoderado eu então de dor e de temor, perguntei-lhe: Senhor, quem foi o ímpio que despedaçou vossa túnica? E me respondeu: Ário foi o que a rasgou; mandando-me ao mesmo tempo que não o admitisse a minha comunhão e dando-me ordem para que vos dissesse de sua parte que vos portásseis com ele com a mesma severidade. Eu já cumpri com minha comissão, e disto só tinha que dar conta a Deus. Se vós faltásseis à vossa, já não será de minha conta, e vós sós sereis responsáveis de vossa covardia ou de vossa desobediência.» Logo que Aquilas e Alexandre receberam sua bênção, restituíram-se onde estava todo o povo, tendo como sitiado o cárcere para impedir a morte do santo Patriarca; mas a ele mesmo se lhe ofereceu um expediente que lhe saiu bem. Disse ao tribuno que fizesse romper a parede do cárcere por aquele paradeiro onde não se sentisse ruído nem houvesse quem o observasse; e assim se fez. Tiraram-no do cárcere pela brecha que se havia aberto na parede e o conduziram ao mesmo paradeiro onde em outro tempo havia São Marcos dado a vida em defesa do Evangelho. Antes de padecer o martírio entrou numa capela dedicada ao santo Evangelista, onde orou largamente a Deus, suplicando-lhe que se dignasse pôr fim à perseguição; e se diz que uma santa donzela ouviu uma voz do céu que dizia: «Pedro, o primeiro dos Apóstolos; e Pedro, o último dos bispos mártires de Alexandria», como o verificou o sucesso; porque depois de São Pedro nenhum bispo de Alexandria foi condenado à morte em ódio da fé pelos gentios. Concluída sua

oração, pôs-se nas mãos dos soldados; mas com tão majestosa gravidade que nenhum teve valor para descarregar o golpe, e só se achou um que pelo preço de cinco moedas de ouro lhe cortou a cabeça. Assim morreu São Pedro de Alexandria no dia 26 de novembro do ano 310. Tomaram os fiéis seu corpo e, antes de dar-lhe sepultura, o conduziram à basílica principal: vestiram-lhe seus hábitos pontificais e o sentaram na cadeira de São Marcos, onde por sua grande humildade e profunda veneração ao sagrado Evangelista jamais se havia querido sentar em vida, mas nos degraus por onde se subia à mesma cadeira. Só nos ficaram alguns fragmentos de suas obras, nas quais se reconhece que, além do tratado ou discurso sobre a *Penitência*, escreveu outro sobre a *Páscoa*, outro da *Vinda de Jesus Cristo*, outro sobre sua *Divindade* e outro que prova que a alma não existe antes que o corpo. Pelo que este grande Santo não só tem lugar entre os Mártires, mas também entre os Doutores e Padres da Igreja.

São Beato, Abade

Assim como no domínio dos suevos na província da Galiza enviou Deus à Espanha Santo Toribio, bispo de Astorga, que fizesse frente aos Maniqueus e Priscilianistas, e São Vicente, abade de São Cláudio, e seus companheiros mártires, que com seu sangue regassem a verdade da fé contra a perfídia ariana; da mesma sorte, quando os maometanos se apoderaram de quase toda a nossa Península, opôs Deus a esta torrente da impiedade varões de peito invencível e de sabedoria celestial que, aventurando-se a todos os perigos por não fazer ofensa à virtude e à causa de Cristo, ajudaram com a graça de Deus a que em meio daquelas trevas campeasse com mais subido resplendor a tocha do Evangelho. Tanto é o que então floresceu na Espanha a virtude e o que cresceu em toda a grandeza e força que se pôde esperar; tanto o vigor de que estavam cheios os fiéis, desejando mostrar sua fortaleza nos casos árduos. Mas entre estes modelos de fé e de toda virtude sobressai o santo presbítero Beato, um dos varões mais excelentes que tem criado nossa santa Religião, que no primeiro século da dominação sarracena floresceu na província de Liébana, chamada Lebana ou Libana pelos antigos. Não se sabe se foi esta sua pátria, mas sim que foi monge e abade. Acerca do mosteiro onde tomou o hábito, há variedade de pareceres. Mabillon creu que este é o mosteiro que se fundou em Valcavado junto a Saldaña, do qual trata Argaiz. Flórez conjectura com bastante razão que não foi este, mas o antiquíssimo de São Martinho de Liébana, que hoje chamam de Santo Toribio, junto a Potes, cabeça daquela província: ao menos não há notícia de outro mosteiro situado naquela parte das Astúrias no século VIII. Por outra parte consta de uma escritura que traz Argaiz que Beato era monge de São Martinho de Liébana no reinado de D. Froila I, que reinou desde o ano 756 até o de 768.

A província de Liébana esteve livre da dominação dos mouros, os quais não puderam entrar nela senão precipitados desde o monte Amosa, que por justos juízos de Deus caiu sobre eles, como refere o bispo Salmaticense. Deste sossego se aproveitavam os monges de São Martinho para adiantar na observância regular e entregar-se com novo espírito à oração e ao estudo das santas Escrituras. Beato as declarava por escrito e as ensinava a seus irmãos com grande fruto. Entre seus discípulos sobressaiu Eterio, eleito em sua mocidade bispo de Osma, ao qual dedicou seu comentário sobre o Apocalipse. Ambos trabalharam com grande zelo em arrancar de nossa Península um novo erro que em seus dias começou a espalhar-se. Era isto pelos anos 784.

O caso passou desta maneira: Sobre os danos que havia ocasionado na Espanha a mistura dos mouros, assim em ordem à celebração da Páscoa como nos jejuns, casamentos e outras matérias de que fala Adriano I em suas cartas, fez um novo estrago a heresia de Félix, bispo de Urgel, e de Elipando, arcebispo de Toledo, os quais ousaram ensinar que Jesus Cristo, segundo a natureza humana, não é Filho natural de Deus, mas somente adotivo e no nome. Não foram eles os inventores deste erro, cuja raiz põe Alcuíno em Córdoba; talvez o semearia algum nestoriano avizinhado com os árabes naquela cidade. Estes Bispos não se contentaram com abraçá-lo, derramaram-no também até pelos povos mais remotos de nossa Península e de outros reinos. Para isto enviaram discípulos de sua seita, Elipando às regiões da Galiza e Astúrias e Félix aos povos da Septimânia ou Gasconha, a cuja província pertencia então Urgel, e à Gália e Germânia. Jonas, o bispo de Orleans, assegura que nas Astúrias viu por seus olhos alguns dos discípulos de Elipando, dos quais diz que até no exterior mostravam ser verdadeiros anticristos.

Beato, sabendo o que se passava, ajudado de seu discípulo Eterio, com peito cristão opôs-se a esta novidade e, armado da doutrina antiga da Igreja, preservou daquela peste os povos. Indignou-se disto Elipando. Valeu-se da força para perseguir os inimigos de seu erro; ajudava-o a isto o furor dos bárbaros. Destas crueldades deixou memória Paulo Álvaro em sua carta a João o de Sevilha. Escreveu também Elipando ao abade Fidel, queixando-se de que Eterio e Beato desde o canto de Liébana pretendessem fazer-se mestres dos de Toledo; e chamando-os ministros do Anticristo, e heresia beaciana ao dogma católico que ensinava e defendia Beato. Era isto pelos anos 785. Fidel guardou a carta de Elipando sem dar conta dela a Beato nem a Eterio; mas não pôde ocultar-se a ousadia com que nela eram tratados de hereges e cismáticos os defensores da verdade e da doutrina antiga da Igreja.

Sucedeu por então que a rainha Adosinda, viúva do rei D. Silo, que acabava de passar deste mundo, determinou consagrar-se a Deus num mosteiro. Naquela sagrada função acharam-se Eterio e Beato, que a este propósito haviam ido de Liébana às Astúrias. Era isto a fins de novembro do mesmo ano 785. Viram-se então com o abade Fidel, o qual lhes mostrou a carta de Elipando. Por outros monges souberam também haverem-se espalhado escritos do mesmo Arcebispo em que eram tratados de hereges e tachados com outros borrões.

Não podiam estes piedosos varões desentender-se de umas notas tão injustas que cediam em desdouro da santa fé que professavam. No espaço de um mês escreveu Beato uma sólida e convincente apologia em que voltava pela verdade de sua crença e por sua honra tão gravemente vulnerada. Dividiu-a em dois livros. No primeiro, com gravíssimos fundamentos, prova que Jesus Cristo não só segundo a divindade, mas segundo a humanidade, é filho natural de Deus. Aos que negavam esta verdade trata de lobos e gente que anda em trevas e de inventores de questões obscuras para seduzir os ignorantes. E diz que, ainda que eram muitos os que na Espanha seguiam o erro de Elipando e entre eles havia bispos, contudo que ele e Eterio não se desviariam da verdade, aparelhados a padecer desterros e até a morte por esta causa. No livro segundo vindica-se das injúrias de Elipando, mostrando que nem ele nem Eterio se desviavam num ápice da doutrina da Igreja católica; e que, pois Elipando se opunha ao símbolo que recebeu ela dos Apóstolos, ele era quem devia ser tratado como herege.

Obstinou-se Elipando. Não esperava ele que um pobre monge, criado na serrania de Liébana, desde seu canto com a liberdade do Evangelho jogasse as armas da fé com tanta destreza e fortaleza cristã. Por outra parte temia que o povo abrisse os olhos à luz que Beato espalhou em seu livro. Para autorizar seu erro, implorou o auxílio dos bispos da França e de Carlos Magno, que então vivia. Escreveu-lhes rogando-lhes que examinassem esta controvérsia, dizendo-lhe o que nela sentiam. Este era o colorido de sua pretensão. Mas as mesmas cartas estão dizendo que seu objeto era infamar Beato e fazer detestável seu nome e o que havia escrito contra ele neste negócio. Estas são armas que costumam ter à mão os inimigos da causa de Deus: pôr nomes infames aos que, aventurando sua reputação e seu bem-estar e até sua vida, dão a cara pela verdade que eles não podem sofrer. Disto há muitos exemplos na história eclesiástica. O remate deste sucesso mostrou quem errava e quem acertava. A má doutrina de Elipando foi condenada como herética e blasfema pelos sumos pontífices Adriano I e Leão III e pelos concílios que se celebraram em Frankfurt e em Roma. Carlos Magno também, como católico que era e muito piedoso, escreveu a Elipando e seus aliados que, se não deixavam seus erros, seriam tratados como hereges; e repreendeu neles com aspereza a soberba com que presumiam atinar com a verdade, ao mesmo tempo que se apartavam da doutrina antiga da Igreja.

Além dos dois livros que escreveu Beato contra o erro de Elipando, compôs um insigne comentário sobre o Apocalipse dedicado a Eterio, o qual publicou Flórez no ano 1770. Nesta obra resplandece a vasta leitura de Beato na sagrada Escritura e nos Padres e Doutores antigos. Os elogios com que tem sido ensalçada sua doutrina e sua santidade podem ver-se no prólogo que pôs Flórez a este tratado. Da estimação que se fazia dos escritos de Beato nos tempos próximos a sua morte é bom testemunho o insigne cordobês Paulo Álvaro, o qual não repara em unir o testemunho de São Beato com o do concílio Efesino e o dos santos Fulgêncio e Jerônimo. Do ano em que morreu este santo varão não se pode dizer coisa certa. Tamayo fixa seu trânsito no ano 798. Trujillo contenta-se com dizer que viveu pelos anos 788 nos tempos do rei Maurégato.

O corpo de nosso Santo foi sepultado na igreja de Valcavado; separadamente veneravam um braço seu, como diz Morales. Estas relíquias foram trasladadas com grande solenidade no ano 1635 à igreja de Santa Maria do Vale da vila de Saldaña. Consta que se tem dado sempre culto a São Beato com aprovação do Ordinário. Chamam-no também Santo os escritores acima ditos e Lobera, Yepes, Mabillon, Henschênio e outros. (M. Risco, t. 54, p. 578.)

Missa (oração)

A missa é da festividade, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Famulis tuis, quæsumus, Domine, cœlestis gratiæ munus impertire: ut quibus beatæ Virginis partus extitit salutis exordium, desponsationis ejus votiva solemnitas pacis tribuat incrementum. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Concedei, ó Senhor, a vossos servos o dom de vossa graça celestial, para que aqueles a quem o parto da Virgem foi princípio venturoso de salvação, a solenidade votiva de seus desposórios lhes dê aumentos de paz. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 8 do livro dos Provérbios.

Provérbios 8,22-35

> **Latim:** 22 Dominus possedit me in initio viarum suarum antequam quidquam faceret a principio. 23 Ab æterno ordinata sum, et ex antiquis antequam terra fieret. 24 Nondum erant abyssi, et ego jam concepta eram : necdum fontes aquarum eruperant, 25 necdum montes gravi mole constiterant : ante colles ego parturiebar. 26 Adhuc terram non fecerat, et flumina, et cardines orbis terræ. 27 Quando præparabat cælos, aderam ; quando certa lege et gyro vallabat abyssos ; 28 quando æthera firmabat sursum, et librabat fontes aquarum ; 29 quando circumdabat mari terminum suum, et legem ponebat aquis, ne transirent fines suos ; quando appendebat fundamenta terræ : 30 cum eo eram, cuncta componens. Et delectabar per singulos dies, ludens coram eo omni tempore, 31 ludens in orbe terrarum ; et deliciæ meæ esse cum filiis hominum. 32 Nunc ergo, filii, audite me : beati qui custodiunt vias meas. 33 Audite disciplinam, et estote sapientes, et nolite abjicere eam. 34 Beatus homo qui audit me, et qui vigilat ad fores meas quotidie, et observat ad postes ostii mei. 35 Qui me invenerit, inveniet vitam, et hauriet salutem a Domino.

Português: 22 O Senhor me possuio no principio de seus caminhos, des do princípio antes que creasse cousa alguma. 23 Des da eternidade fui constituída, e des do principio, antes da terra ser creada. 24 Ainda não havia os abysmos, e eu estava já concebida: ainda as fontes das aguas não tínhão arrebatado: 25 ainda se não tínhão assentado os montes sobre a sua pesada massa: antes d'haver outeiros, era eu dada á luz: 26 ainda elle não tinha feito a terra, nem os rios, nem tinha firmado o mundo sobre os seus pólos. 27 Quando elle preparava os ceos, eu me achava presente: quando com lei certa, e dentro do seu âmbito encerrava os abysmos: 28 quando firmava lá no alto a região ethérea, e quando equilibrava as fontes das aguas: 29 quando circumscrevia ao mar o seu termo, e punha lei ás aguas, para que não passassem os seus limites: quando sustentava pendentes os fundamentos da terra: 30 estava eu com elle regulando todas as cousas: e cada dia me deleitava, brincando em todo o tempo diante d'elle: 31 brincando na redondeza da terra: e achando as minhas delicias em estar com os filhos dos homens. 32 Agora pois, filhos, ouvi-me: Bemaventurados os que guardão os meus caminhos. 33 Ouvi a instrucção, e sede sabios, e não queirais rejeitalla. 34 Bemaventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias á entrada da

minha casa, e que está feito espia ás ombreiras da minha porta. [35] Aquelle que me achar, achará a vida, e haverá do Senhor a salvação.

Reflexões

Se se considera a prolixa relação de dotes maravilhosos e de admiráveis graças que na Epístola deste dia se atribuem à Rainha dos Anjos, podemos julgar com razão que nossa mãe a Igreja quis dar-nos a entender nelas as oportunas qualidades de que estava adornada Maria para os desposórios e nelas assinalar as que devem ter todas as jovens que aspirem a semelhante estado. A primeira coisa que diz é que Deus a possuiu no princípio de seus caminhos e antes de fazer nada desde a eternidade. Nisto se significa que o matrimônio, ainda que seja, como é na realidade, um estado santo e ordenado por Deus, não se há de abraçar cegamente, mas consultando primeiro as disposições do mesmo Deus em ordem à pessoa de cada um. Isto quer dizer que Deus, que é o que reparte as graças e os dons, é também o que assinala o estado e classe em que sua divina Majestade gosta de que o sirvam. A Igreja de Deus é comparada a uma grande família, na qual cada um tem seu ofício respectivo, segundo o beneplácito e disposição do pai de família; e assim como seria usurpar a este seus direitos o determinar os empregos e fazendas de cada um dos familiares ou transtornar o que ele houvesse disposto, da mesma maneira é usurpar os direitos a Deus o introduzir-se contra sua vontade no matrimônio ou recusar sujeitar o pescoço a este divino Sacramento quando para isso se sentem as disposições necessárias. Assim que cada um deve dizer-se a si mesmo, na parte que lhe toca, as palavras da divina Sabedoria no princípio da Epístola antes de eleger estado: «O Senhor tem domínio e posse em mim desde o princípio de seus desígnios: desde a eternidade tem ordenada a classe e o ofício que devia ter em sua grande família: não me é lícito, pois, prevenir suas altas disposições nem entremeter-me em obrigações e destinos a que o Senhor não me chama.»

No resto da Epístola descrevem-se as sublimes e soberanas qualidades da divina Sabedoria: aplicam-se a Maria santíssima na parte em que lhe podem convir e com a proporção que se deve entender sempre entre uma pura criatura e o Filho do eterno Pai ou a Sabedoria incriada. Entre outras coisas se diz assim: *Estava com ele*, isto é, com Deus, *compondo todas as coisas, e me deleitava diariamente, brincando diante dele em todo tempo, brincando em todo o mundo, e minhas delícias eram estar com os filhos dos homens.* Nas primeiras palavras denota-se uma admirável solicitude; nas segundas, alegria de condição, mansidão de gênio e brandura nos costumes; e nas últimas, a afabilidade no trato e comércio com as pessoas que compõem a sociedade humana, sem que por isto se prejudiquem os direitos da santa fidelidade do matrimônio. Em todas estas preciosas qualidades, e em cada uma delas em particular, foram sem dúvida alguma sobressalentes os santíssimos desposados que celebramos nesta festividade; e nas ações de suas vidas respectivas se encontrarão repetidos exemplos que merecem imitar-se. Uma das condições mais necessárias para a completa felicidade do matrimônio é a mútua solicitude que devem ter os desposados, já nos obséquios recíprocos que devem a suas pessoas, já em ordem aos bens de sua casa e necessidades de sua família. Em mil lugares da Escritura se celebra e proclama como venturoso o varão que logra uma mulher honesta e laboriosa. Na verdade, entre todas as delícias do mundo nenhuma é comparável à satisfação que prova um esposo quando,

além da honestidade e formosura que lhe cativam o coração em obséquio de sua esposa, vê que suas virtudes mantêm em ordem e santa paz toda a sua família e que suas disposições econômicas e solícitos cuidados afastam de seus umbrais a indigência.

Se a isto se acrescenta aquela alegria de semblante que desarma a cólera, aqueles modos pacíficos e brandos que formam da casa uma mansão de paz e aquele trato doce e amistoso que atrai em benefício de seus filhos e de seu marido quantos podem favorecê-los, segue-se que na referida Epístola se descrevem as condições que hão de ter os desposados para ser felizes e que nossa mãe a Igreja proporciona uma instrução tão interessante nos desposórios de José e Maria.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 1 de São Mateus.

Mateus 1,18-21

> **Latim:** 18 Christi autem generatio sic erat : cum esset desponsata mater ejus Maria Joseph, antequam convenirent inventa est in utero habens de Spiritu Sancto. 19 Joseph autem vir ejus cum esset justus, et nollet eam traducere, voluit occulte dimittere eam. 20 Hæc autem eo cogitante, ecce angelus Domini apparuit in somnis ei, dicens : Joseph, fili David, noli timere accipere Mariam conjugem tuam : quod enim in ea natum est, de Spiritu Sancto est. 21 Pariet autem filium : et vocabis nomen ejus Jesum : ipse enim salvum faciet populum suum a peccatis eorum.

Português: 18 Ora a conceição de Jesu Christo foi d’esta maneira: Estando já Maria sua mãe desposada com José, antes de coabitarem se achou ter ella concebido por obra do Espírito Santo. 19 E José seu esposo, como era justo, e não queria infamalla, resolvo deixalla secretamente. 20 Mas andando elle com isto no pensamento, eis-que lhe apareceo em sonhos hum anjo do Senhor, dizendo: José filho de David, não temas receber a Maria tua mulher: porque o que nella se gerou, he obra do Espírito Santo. 21 E ella parirá hum filho: e lhe chamarás por nome JESUS: porque elle salvará o seu povo dos peccados d’elles.

Meditação

Sobre a santidade do matrimônio

Primeiro ponto

Considera que o sacramento do Matrimônio, como diz São Paulo escrevendo aos de Éfeso (cap. 5), é um sacramento grande, atendendo a Cristo e a sua Igreja, cuja união se significa nele; e que, por consequência, sua santidade é tão respeitável que, para haver de conseguí-la, merece de nossa parte as mais delicadas e escrupulosas considerações.

A primeira entre todas deve levar a vocação, porque, ainda que não se pode duvidar de que o matrimônio está instituído por Deus desde o princípio do mundo e de que tanto no estado da natureza como no da lei escrita e da graça tem tido professores de grande santidade; com tudo isso, tampouco se pode duvidar de que não é apto para todos aquilo que costuma ser bom e perfeito para alguns; e de que poderá suceder facilmente que perca sua salvação no matrimônio quem a conseguiria no celibato. Por esta causa se deve explorar com muito cuidado qual seja a vontade de Deus e não expor-se temerariamente ao perigo. Averiguado por aqueles sinais que induzem certidão moral que Deus nos chama ao estado do matrimônio, faz-se preciso contar também com sua divina misericórdia para que nos manifeste aquela pessoa que lhe seja mais aceita e para nós mais proveitosa. Não se há de olhar a conseguir grandes vantagens nos enlaces das famílias nem nas aquisições da fortuna. A igualdade entre os contraentes é pelo comum um princípio essencial da felicidade dos desposados. Os mesmos gentios conheceram esta verdade e assim costumavam os romanos dizer à esposa, ao tempo de dar-lhe a mão, estas palavras: «Onde eu esteja e onde eu caiba, ali hás de estar e hás de caber tu.» E entre os germanos refere Cornélio Tácito que houve também o costume de que, ao tempo de levar o esposo a sua casa a esposa, lhe ofereciam dois bois atrelados a um jugo, não só para significar-lhe o trabalho a que se sujeitava no matrimônio, mas para dar-lhe a entender que ambos haviam de levar por igual o trabalho. O mesmo Deus, para casar Adão, formou-lhe de sua mão uma mulher que lhe fosse em tudo semelhante, e as experiências de todos os dias nos estão ensinando quão perigosas discórdias nascem nos matrimônios da desigualdade de condição ou de fortuna. Portanto, deves pedir a Deus que te assinale por sua mesma mão aquela esposa em cuja companhia lhe hás de oferecer tua vida por sacrifício; bem entendido de que, assim como se diz nas sagradas Escrituras que a mulher prudente e adornada de virtudes é um dom de Deus, é a coroa de seu marido e é o grande prêmio com que premia Deus nesta vida os grandes serviços que se lhe fazem; da mesma maneira se assegura que a mulher má, iracunda, desonesta e rixosa é o maior mal dos males e com a qual não pode deixar um homem de ser desventurado. Finalmente, exige a santidade do matrimônio que, ao tempo de contraí-lo, se o olhe com aquele respeito que merece um Sacramento instituído por Jesus Cristo.

Segundo ponto

Considera que, se foste tão feliz que ao tempo de estabelecer-te neste estado consideraste necessário seguir as regras acima ditas e tiveste a ventura de pô-las por obra, com tudo isso não deves dar-te por satisfeito, mas considerar que o matrimônio não deixa de ser menos santo e respeitável depois de contraído que antes de contrair-se. Por consequência, deves procurar santificar-te neste estado, cumprindo exatamente todas as suas obrigações, que podem reduzir-se

a três classes.

A primeira consiste no amor conjugal, o qual não se há de estabelecer naqueles afetos e demonstrações carnais que são próprias das gentes que ignoram a Deus. Sobre esta matéria é muito notável o exemplo de Sara e do jovem Tobias, e nestes dois santos esposos quis Deus dar a entender a pureza de coração com que deve abraçar-se o matrimônio. Várias vezes havia sido casada Sara; mas seus esposos haviam morrido na noite das bodas, não por outro motivo, diz a sagrada Escritura, senão porque, sendo Sara formosíssima, não haviam tido outros fins em tomá-la por esposa que o saciar uma paixão grosseira, muito semelhante nisto aos brutos irracionais. O santo jovem Tobias foi livre de sorte tão infeliz, porque, como ele mesmo disse na oração que fez a Deus, não tomou Sara por esposa para satisfazer um apetite carnal, mas por amor de uma santa posteridade em que fosse bendito seu sacrossanto nome pelos séculos dos séculos. À segunda classe se reduz a mútua fidelidade que devem guardar-se os desposados, juntamente com uma mútua confiança de sua recíproca conduta, fundada em suas virtudes e em seus santos desígnios. Longe de um matrimônio santo aquela desconfiança vil que somente pode abrigar-se em peitos baixos e em corações corrompidos. Longe do leito nupcial as suspeitas e desconfianças que convertem em campo de discórdia e de guerra o que devia ser a mansão de paz e o albergue das delícias. Longe de um coração cristão a funesta e vil paixão dos ciúmes, inimigos jurados de todos os bens com que quis Deus honrar o santo sacramento do Matrimônio: a verdadeira virtude não pode estar sem caridade, e esta nem é suspeitosa nem desconfiada. À terceira classe se reduzem todos os ofícios de amor, de obséquio e de trabalho que devem ter os desposados. Igualmente devem participar das delícias e gostos dos acontecimentos felizes que dos pesares e lágrimas dos adversos. Devem olhar-se continuamente um ao outro para dar-se auxílio, tanto nas necessidades pertencentes ao corpo como nas que tocam ao espírito; porque em umas e outras devem manifestar-se a caridade, que com o amor conjugal recebe nova perfeição e novos brilhos. Desta maneira a santidade do matrimônio manifestará todos os seus efeitos nos Cristãos desposados e será o que diz São Paulo: um sacramento grande, cheio de tanta perfeição como o que tem Cristo com sua Igreja, e um fiel traslado dos santos desposórios de José e de Maria.

Jaculatórias

Vós, Senhor, criastes por vossa mão a Adão e lhe destes para sua ajuda e consolo a Eva, instituindo desta maneira o santo matrimônio. (Tb 8.)

Oh Senhor, Deus de nossos pais! Os céus te bendigam, e as terras, o mar, e as fontes, e os rios, e todas as criaturas tuas que existem nestes lugares. (Ibid.)

Propósitos

1. Os propósitos que resultam das considerações deste dia interessam a todo gênero de pessoas, quer se achem ainda no estado de solteiras, quer se hajam determinado no estado do matrimônio

a passar sua vida segundo as regras do Evangelho. Os primeiros devem considerar a infinita multidão de prejuízos que traz consigo uma eleição precipitada e um estabelecimento sem vocação. Por causa sua se transtornam todas as providências e ordens acertadas que estabeleceu a divina Sabedoria no universo. O matrimônio é o manancial e origem de todos os bens da república, sendo ele santa e prudentemente contraído. Mas, se pelo contrário lhe faltam estas qualidades, longe de servir o matrimônio de benefício e proveito à sociedade, causa-lhe terríveis danos. Prescindindo dos que se originam das discórdias, do mau exemplo com que se contaminam muitas famílias e do mal verdadeiro que lhes resulta para sempre aos mesmos desposados, quem não vê um cúmulo de males nos filhos de um mau matrimônio, cuja maldade se há de propagar por todas as futuras gerações? Quem não conhece que uns filhos criados sem o santo temor de Deus, cujos costumes corrompidos estão tomados de seus corrompidos pais, propagarão este mesmo dano criando seus filhos como eles foram criados e enchendo a sociedade de membros inúteis ou, por melhor dizer, nocivos, em quem terão perpétuo emprego as leis criminais e os malvados um espetáculo de escarmento? Assim é preciso que suceda, atendidas todas as razões da prudência humana.

2. Os casados devem tirar das considerações feitas um propósito firme de imitar em todas as suas ações a José e a Maria. A Mãe de Deus posta no templo, resignada na vontade dos sacerdotes e recebendo da mão de Deus por esposo um varão justo é o exemplar que devem seguir os que se acham ainda no estado de solteiros: e a mesma Mãe de Deus, cuidando com a maior ternura de seu filho Jesus, assistindo a seu santo Esposo com o maior esmero e amor, sofrendo com paciência as suspeitas de seu Esposo e os desterros que o céu lhes ordenou por meio de um rei injusto, é o original mais cabal e completo de onde devem copiar suas virtudes as mulheres honestas e virtuosas que se acham colocadas no matrimônio. São José, ganhando com o suor de seu rosto nos penosos trabalhos de um ofício honrado o sustento para sua família e cooperando por sua parte às altíssimas disposições de Deus nos trabalhos que via padecer a sua Esposa santíssima e a seu Filho, que era a santidade por essência, é um exemplar onde devem fixar seus olhos todos os casados que apetecem o título de justos; porque sem dúvida alguma, seguindo escrupulosamente o plano de tão santas ações, lograr-se-ão todos os fins do matrimônio e as piedosas intenções que tem nossa mãe a Igreja em propor aos fiéis o desposório de José e de Maria.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:10 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:10 by Admin